

4 Perfil Socioeconômico das Mulheres Trabalhadoras da Cidade Manaus

O processo econômico desencadeado pela implantação da Zona Franca de Manaus – ZFM estabeleceu profundos contrastes sociais que refletem diretamente na cidade de Manaus. O desenvolvimento da Amazônia desencadeou um intenso processo de urbanização, concentrando grande parte da população na cidade de Manaus, reflexo dos projetos governamentais que visam integrar a Amazônia à economia nacional, como também transformou a cidade de Manaus em um dos principais pólos migratórios da região e do País.

Tal fato ocorreu devido “[...] os empreendimentos estabelecidos na cidade acenam para a possibilidade de geração de empregos e oportunidades de renda para as populações que buscam no centro urbano a melhoria de suas condições de vida”. (Bentes, 2005, p. 36). O autor enfatiza, também, que o crescente aumento populacional ocorrido na cidade de Manaus nas últimas décadas, tem gerado um cenário de contrastes sociais e econômicos, pois a cidade não está preparada para atender as contínuas demandas por habitação, emprego, educação, saúde e demais serviços urbanos causadas por um crescimento desordenado da cidade.

Com a ampliação das áreas de moradia, surgem inúmeros bairros com infra-estrutura razoável ou bairros criados pela própria população, as chamadas invasões. Os moradores das invasões e dos bairros periféricos além de lutarem pela sua sobrevivência e de sua família, ainda sofrem com a falta de água, de escolas, de postos de saúde, de transporte coletivo, dentre outras necessidades, dificultando a melhoria de suas condições de vida.

De acordo com o Anuário Estatístico do Amazonas/2008, baseado em dados do IBGE-PNDA, pode-se observar que os indicadores das tabelas a seguir, revelam as condições de vida das trabalhadoras da cidade de Manaus, como também, processos de exclusão social:

Tabela 4- População Economicamente Ativa e Não Economicamente Ativa - 2008 (pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade e sexo, segundo os grupos de idade, somente na área urbana)

GRUPOS DE IDADE	PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE								
	Total	Homens	Mulheres	Condição de atividade na semana de referência					
				ECONOMICAMENTE ATIVA			NÃO ECONOMICAMENTE ATIVA		
				Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
TOTAL	2.245.473	1.081.804	1.631.669	1.256.192	726.565	529.627	989.281	355.239	634.042
10 a 14 anos	309.143	152.599	156.544	11.433	7.860	3.573	297.710	144.739	152.971
15 a 19 anos	286.649	141.536	145.113	92.570	54.685	37.885	194.079	86.851	107.228
15 a 17 anos	180.843	85.777	95.066	38.239	21.087	17.152	142.604	64.690	77.914
18 a 19 anos	105.806	55.759	50.047	54.331	33.598	20.733	51.475	22.161	29.314
20 a 24 anos	299.487	147.242	152.245	199.062	117.579	81.483	100.425	29.663	70.762
25 a 29 anos	273.015	135.081	137.934	213.696	122.220	91.476	59.319	12.861	46.458
30 a 39 anos	429.578	201.221	228.357	345.231	187.636	157.595	84.347	13.585	70.762
40 a 49 anos	282.333	139.379	142.954	221.578	128.656	92.922	60.755	10.723	50.032
50 a 59 anos	184.411	86.839	97.572	122.227	73.977	48.250	62.184	12.862	49.322
60 anos ou mais	180.857	77.907	102.950	50.395	33.952	16.443	130.462	43.955	86.507

Fonte: IBGE – PNDA.

Os indicadores acima revelam que a população feminina da cidade de Manaus, na faixa etária que compreende de 10 a mais de 60 anos é superior a população masculina, portanto, de acordo com os dados do IBGE de 2008, há mais mulheres do que homens em Manaus. Apesar da mulher ser a maioria em Manaus, observa-se o percentual de 57,83% homens economicamente ativos e 42,16% mulheres economicamente ativas, demonstrando que existem mais mulheres que não possuem renda que os homens, conseqüentemente mais dependentes financeiramente de familiares e/ou maridos, companheiros etc.

A tabela 6, a seguir, demonstra o percentual da população economicamente ativa e não economicamente ativa no ano de 2008, de acordo com o Anuário Estatístico do Amazonas na área urbana, espaço desta pesquisa:

Tabela 5- População Economicamente Ativa e Não Economicamente Ativa – 2008 (pessoas de 10 anos ou mais de idade, por sexo, segundo as classes de rendimento médio mensal, somente na área urbana)

CLASSE DE RENDIMENTO MENSAL	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas, na semana de referência			Valor do rendimento médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas na semana de referência, com base no salário mínimo de R\$ 415,00		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
TOTAL	1.256.192	726.565	529.627	841,15	967,00	668,52
Até ½ salário mínimo	80.051	29.668	50.383	140,85	144	139
Mais de ½ a 1 salário mínimo	240.159	126.511	113.648	377,47	377	378
Mais de 1 a 2 salários mínimos	426.704	268.034	168.670	607,98	623	585
Mais de 2 a 3 salários mínimos	159.740	110.068	49.672	1.027,89	1.031	1.021
Mais de 3 a 5 salários mínimos	114.347	75.047	39.327	1.657,91	1.661	1.652
Mais de 5 a 10 salários mínimos	63.978	44.680	19.298	2.902,45	2.875	2.966
Mais de 10 a 20 salários mínimos	15.369	11.081	4.288	5.463,20	5.418	5.580
Mais de 20 salários mínimos	5.718	5.003	715	12.560,35	12.640	12.003
Sem rendimento	136.872	58.966	77.906	-	-	-
Sem declaração	13.227	7.507	5.720	-	-	-

Fonte: Censo Demográfico 2000 – vol Trabalho e Rendimento (Resultado da Amostra).

Observando a Tabela 6, pode-se constatar que 62,93% das mulheres manauaras, de acordo com os dados da pesquisa do IBGE, possuem renda mensal até ½ salário mínimo, contra 37,06% de homens que recebem até ½ salário mínimo, confirmando que os homens, na sua grande maioria, possuem um salário superior ao da mulher. Como também, pode-se observar que 87,49% dos homens pesquisados possuem remuneração mensal acima de 20 salários mínimos, contra 12,50% de mulheres que recebem a mesma remuneração.

Essa grande diferença demonstra a discriminação sofrida pelas mulheres no mercado de trabalho, os cargos de alto escalão são confiados à população masculina, o que confirma a falta de confiança na capacidade, competência e eficiência da mulher trabalhadora.

Em todos os níveis de rendimento mensal, o número de mulheres empregadas é inferior aos rendimentos dos homens empregados, evidenciando também que as condições sócio-econômicas das mulheres na cidade Manaus são mais precárias que dos homens.

Tabela 6- População Economicamente Ativa e Não Economicamente Ativa – 2008 (pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por número de trabalhos, ramos de atividades e posição de ocupação segundo o sexo, somente na área urbana)

DESCRIÇÃO	POPULAÇÃO URBANA		
	Total	Homens	Mulheres
População com 10 anos ou mais	2.669.322	1.307.265	1.362.057
Economicamente ativa	1.497.945	892.542	605.403
Ocupadas	1.371.347	844.455	526.892
Desocupadas	126.598	48.087	78.511
Não economicamente ativas	1.171.377	414.723	756.654
Trabalho	1.71.347	844.455	526.892
Com apenas 1 trabalho	1.319.400	815.162	504.238
Com 2 ou mais trabalho	51.947	29.293	22.654
Ramos de atividade	629.205	419.424	209.781
Agrícola	27.894	25.858	2.036
Indústria	162.529	118.998	43.531
Construção	45.410	43.265	2.145
Comércio e reparação	13.920	80.173	51.747
Alojamento e alimentação	37.097	17.081	20.016
Transporte, armazenagem e comunicação	46.590	40.516	6.074
Administração pública	27.593	17.657	9.936
Educação, saúde e serviços sociais	61.985	18.512	43.473
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	27.872	18.937	8.935
Outras atividades	59.633	38.105	21.531
Atividades mal definidas ou não declaradas	679	322	357
Posição na ocupação	1.371.347	844.455	526.892
Empregados	791.778	500.736	291.042
Trabalhadores domésticos	80.579	8.074	72.505
Conta própria	350.830	252.224	98.606
Empregadores	33.683	23.546	10.137
Não remunerados	82.781	40.485	42.296
Trabalhadores na produção para consumo próprio	30.266	18.317	11.949
Trabalhadores na construção para uso próprio	1.430	1.079	357

Fonte: IBGE – PNDA.

A tabela 7 revela que 38,42% de mulheres de acordo com a PNAD - 2008 estão ocupadas e, 61,05% da amostra encontram-se desocupadas. As mulheres não economicamente ativas pesquisadas totalizam 64,59%. Observa-se que Manaus tem atualmente mais mulheres desocupadas do que ocupadas, e mais mulheres não capacitadas para atuar no mercado formal ou que desistiram de procurar trabalho e dedicam-se somente às atividades domésticas.

Constatou-se também uma grande concentração de mulheres trabalhadoras na indústria, comércio, alojamento e alimentação, educação,

saúde e serviços sociais, atividades que o mercado prioriza as mulheres pelas suas habilidades e pela grande disponibilidade de profissionais mulheres.

Quanto à posição ocupada, as mulheres da amostra revelam preferência por empregos fixo, porém observa-se alto índice de trabalhadoras domésticas (93,70%) em comparação com homens que exercem trabalhos domésticos (10,01%). Muitas mulheres sujeitam-se a trabalhar com serviços domésticos para garantir sua sobrevivência, uma vez que a discriminação no mercado de trabalho dificulta sua inserção, principalmente se não for devidamente qualificada.

O contingente de mulheres que não são remuneradas e trabalham ajudando a um membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou ajudando a instituições religiosas, beneficentes ou cooperativas, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário é maior que dos homens, de acordo com os dados da pesquisa 51,09% mulheres estão nesta condição, e 48,90% dos homens se sujeitam a esta situação. Percebe-se ainda que os homens possuem espírito empreendedor mais acentuado do que as mulheres, somente 28,10% mulheres manauaras arriscam-se em trabalhos por conta própria, já 71,89% dos homens da amostra apostam nesta atividade.

O perfil socioeconômico das trabalhadoras da cidade de Manaus, segundo o Anuário do Amazonas de 2008, baseados em pesquisas do IBGE - PNDA confirma as discriminações sociais e de gênero, sofridas pelas mulheres não só na cidade de Manaus, mas em escala nacional. Apesar dos grandes avanços e conquistas das mulheres, ela ainda, de acordo com os dados da pesquisa, não caminha lado a lado com os homens no mercado de trabalho.

4.1

Mulheres trabalhadoras informais, sujeitos da pesquisa

Com intuito de conhecer de perto as mulheres trabalhadoras informais, sujeitos da pesquisa, foram escolhidas 20 (vinte) mulheres que trabalham com atividades informais no entorno do UNINORTE para responder a um questionário com 11 (onze) perguntas fechadas sobre o perfil sócio-econômico, e 3 mulheres para responder a uma entrevista contendo 6 (seis) perguntas abertas sobre as atividades informais por elas desenvolvidas.

O levantamento de dados se deu por meio da observação direta e a aplicação de questionário e entrevista, bem como por meio de observações assistemáticas com idas constantes ao entorno do UNINORTE na tentativa de compreender a dinâmica do grupo pesquisado. As entrevistas e questionários foram aplicados no mês de outubro de 2010, tendo como critério básico: presença no local no dia de aplicação, ser mulher, está inserida no mercado de trabalho informal e aceitar participar da pesquisa. Os dados foram tabulados, comparados e analisados através de tabelas, utilizando a estatística descritiva, na análise tomou-se como referência a perspectiva crítica.

Estas mulheres trabalham explorando a venda de produtos alimentícios que variam de lanches, salgados, doces, bolos, mingaus, salada de fruta até refeições para atender uma demanda de quase 25.000 (vinte e cinco) alunos que circulam durante o ano letivo nas 13 (treze) unidades do UNINORTE.

Mulheres com faixa etária de 19 (dezenove) a 40 (quarenta) anos trabalham na sua maioria sozinhas, ou acompanhada de um ajudante, seja com seu carrinho, box, tabuleiros, automóvel ou bancas, na luta diária para manter seu sustento e de sua família, como pode-se observar na imagem 1:



Imagem 1- Ambulantes do entorno do UNNINORTE nos diversos tipos de venda: carrinho, tabuleiros, automóvel e banca.

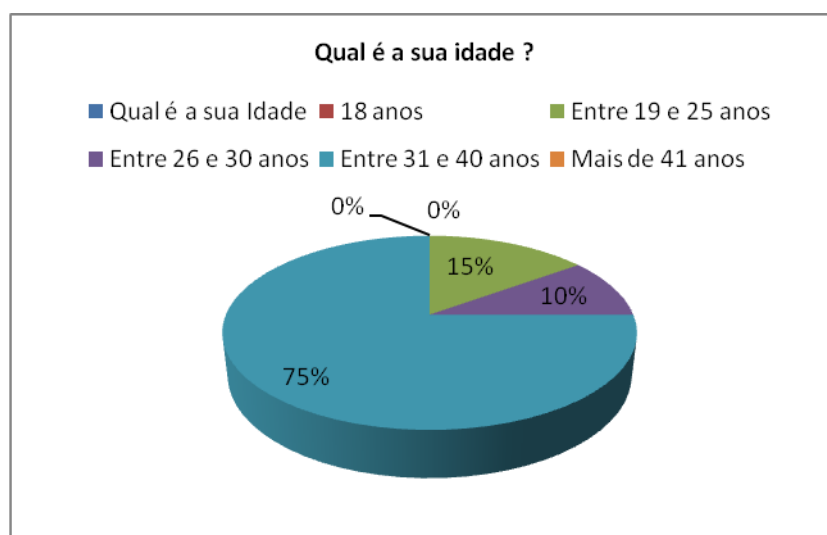
Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

Começam sua jornada de trabalho bem cedo, preparando em sua residência os alimentos que serão vendidos no decorrer do dia, expostas ao tempo, seja sol ou chuva, procurando se acomodar da melhor maneira possível, de forma que os fatores climáticos não atrapalhem suas vendas, terminando logo após o intervalo dos alunos às 21h, quando recolhem seus materiais e vão guardar seus carrinhos em locais alugados nas proximidades do UNINORTE.

Algumas perguntas do questionário tinham como objetivo traçar o perfil dessas vendedoras ambulantes, demonstrando a idade, estado civil, número de filhos, condição de moradia, escolaridade, tempo de trabalho como ambulante e atividades remuneradas desenvolvidas por elas.

Sendo assim, iniciamos procurando saber a idade dessas ambulantes, conforme demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1- Idade das entrevistadas



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010

Através do questionário, pode-se conhecer com mais precisão os sujeitos da pesquisa, a começar pela faixa etária. Observando o gráfico 1, constatou-se que 15% das vendedoras informais possuem idade entre 19 a 25 anos, 10% possuem de 26 a 30 anos, e 75% possuem entre 32 a 40 anos. Este resultado confirma a preferência do mercado de trabalho por jovens.

Para Pinheiro (2008), existem muitas práticas discriminatórias no processo de seleção para contratação de mão-de-obra para as indústrias, o Pólo Industrial de Manaus – PIM não é exceção, também opta por jovens, os trabalhadores com mais idade passam a ter dificuldade de manter seu emprego ou encontrar outra oportunidade de trabalho.

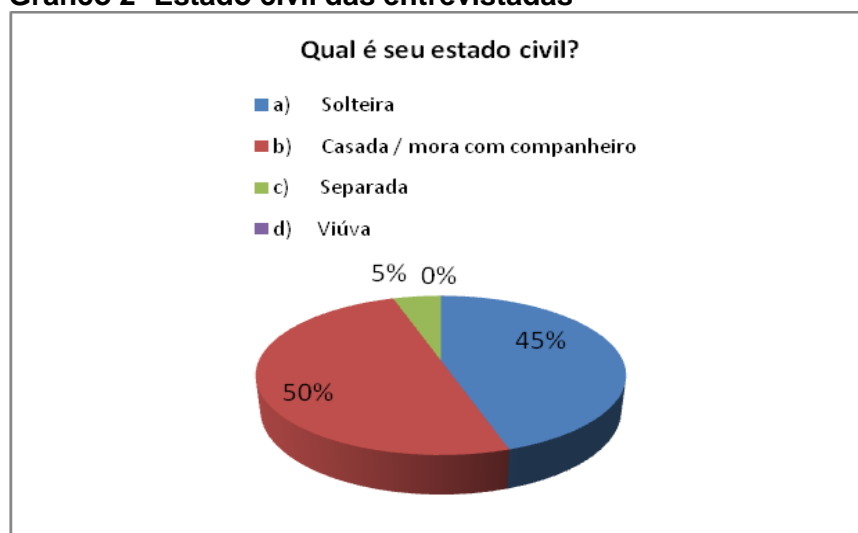
Mediante esta realidade, as mulheres economicamente ativas, mas desocupadas por força das circunstâncias, encontram na informalidade um meio para seu sustento e de sua família. Situação vivenciada por uma das entrevistadas da pesquisa que deu a seguinte resposta quando o pesquisador perguntou por que optou em trabalhar no mercado informal:

No caso, eu trabalhava no aeroporto e saí do aeroporto e não consegui mais emprego, pela minha idade ninguém quis mais me aceitar, então com o dinheiro que eu peguei, investi num negócio próprio, não tinha mais emprego para mim. Eu saí do aeroporto com trinta e cinco anos e não consegui mais trabalho. (M. P. L. - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 01/10/2010).

O que se percebe na fala desta mulher é que o mercado está cada vez mais excluindo as pessoas com idade superior a 30 anos, idade relativamente baixa para o mercado de trabalho formal. Talvez não se possa considerar apenas a idade como fator para o desemprego, de toda forma, é contraditório que uma cidade como Manaus, com grande pólo industrial e um comércio bem desenvolvido não aceite mulheres na faixa etária acima de 31 a 40 anos. Esse dado, certamente, serve como indicador de que a idade das mulheres, somada a outros fatores leva ao desemprego, restando à informalidade.

Estabelecida faixa etária das ambulantes, a pergunta seguinte procurou definir o estado civil dessas mulheres, com vista a saber se este fato é significativo para que elas se instalem nesse ramo comercial. O gráfico 2 demonstra o resultado obtido:

Gráfico 2- Estado civil das entrevistadas



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

O gráfico 2 revela o estado civil das entrevistadas, constatando-se que 50% são casadas, 45% são solteiras e apenas 5% são separadas. Observa-se que tanto as mulheres que já constituíram suas famílias, quanto às solteiras contribuem efetivamente para a renda familiar, ajudando nas despesas e manutenção da casa.

Dentro do universo pesquisado, somente 1 (uma) mulher é separada, o que demonstra também a luta pela sobrevivência através da informalidade, o fato de não ter o apoio de um companheiro não intimida em enfrentar o desafio de ficar nas ruas a mercê da sorte, muito pelo contrário, o peso da responsabilidade aumenta sua vontade de trabalhar, uma vez que o sustento de seus filhos depende do seu esforço.

Já as solteiras também estão empenhadas em contribuir com o sustento familiar e também com o seu próprio sustento, fato que podemos comprovar com a fala de uma das ambulantes solteira que foi entrevistada expondo a seguinte situação:

Eu preciso trabalhar pra pagar minha faculdade, pagar meu curso, dá sustentação para minha família e trazer melhorias para o futuro. Faço o curso de Pedagogia à tarde no UNINORTE, e de manhã faço um curso de técnico de enfermagem de dia e sábado. De manhã cedo tenho que fritar batata e banana, lavar louça, além das atividades domésticas. À tarde venho para a Faculdade e de noite eu trabalho. Não sou casada, ajudo só a família. (J. M. B. O. - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE - 10/10/2010)

Essa fala da entrevistada é reveladora porque demonstra a importância do comércio informal para a formação das mulheres. Daí podemos destacar dois aspectos relevantes: o primeiro, o trabalho informal como escada para o trabalho profissional, uma vez que com o ganho nas vendas, elas mantêm o curso superior e podem chegar a um emprego melhor. A segunda questão, afirma positivamente o mercado de venda ambulante, como garantia de sustento das necessidades básicas de casa e também como possibilidade de investimentos em outros setores como a educação, exemplificada na fala da entrevistada.

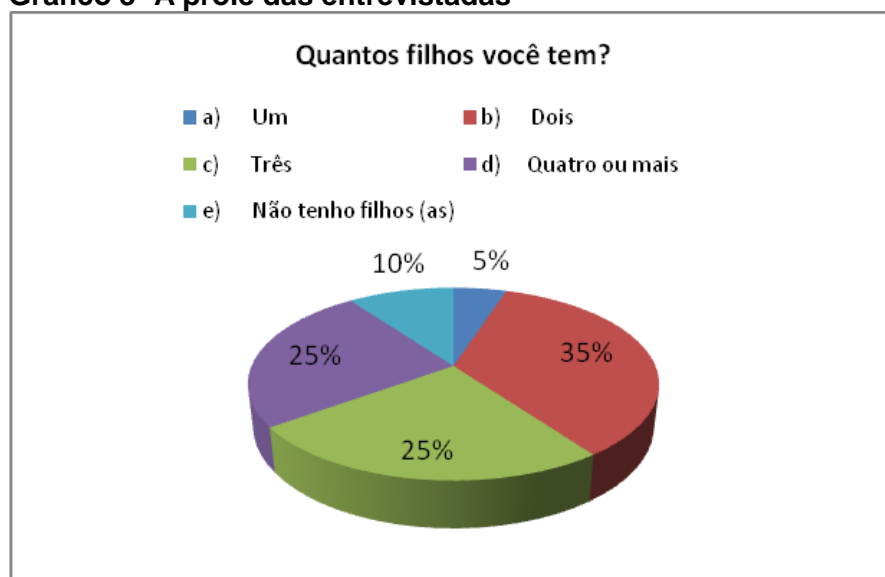
É importante frisar que mesmo dentro do UNINORTE, apesar de ser proibido, algumas alunas venderem balas, biscoitos, roupas, bijuterias, apostilas para auxiliar na passagem de ônibus, nos livros e apostilas e, até mesmo, no pagamento da mensalidade. Isso demonstra como o mercado informal no entorno da instituição e até dentro dela é fator determinante no sustento de muitas pessoas.

Para as mulheres casadas, este nicho mercadológico também é imprescindível, visto que com ele conseguem ajudar nas despesas da casa, pois como explica Araújo e Scalon (2005) o modelo de família em que o homem era provedor e a mulher a dona de casa em tempo integral vem mudando desde a segunda metade do século XX, geradas pelo processo de reorganização do capitalismo em escala mundial. Portanto, a família padrão vai diminuindo em virtude às novas condições sociais, econômicas e culturais. O espaço público antes dominado pela população masculina passou a ser compartilhado por mulheres casadas, mães e solteiras que segundo as autoras “vislumbram no exercício do trabalho remunerado uma possibilidade de realização pessoal fora do espaço privado da família”. (Araújo & Scalon 2005, p.124)

A posição desses autores nos faz entender que o trabalho não é apenas uma fonte de renda, mas a conquista da autonomia, da liberdade, da independência financeira, da dignidade. Nesta perspectiva, o trabalho informal é de suma importância na vida dessas mulheres, pois saem da condição de submissão financeira e se assumem como sujeitos de um processo social e econômico.

Para dar continuidade a análise pretendida, perguntou-se a respeito do número de filhos das vendedoras, para que se possa tratar de mais um aspecto sócio-econômico delas e conseguir pouco a pouco ter a visão dessa mulher/trabalhadora/informal. O gráfico 3 apresenta os resultados obtidos:

Gráfico 3- A prole das entrevistadas



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

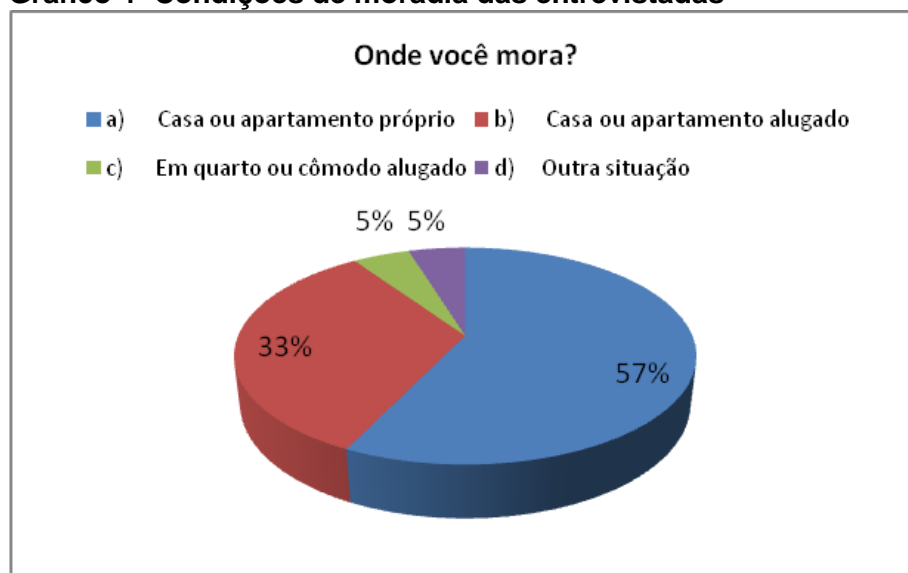
No gráfico 3, constatou-se que 90% das vendedoras informais possuem filhos, somente 10% das mulheres que responderam ao questionário não possuem filhos, fato que aumenta sua responsabilidade em contribuir com a provisão da família, como também aumenta sua carga de trabalho, pois além de trabalharem fora, precisam cuidar dos filhos e das atividades domésticas.

Para as mães que têm filhos pequenos e também são co-provedoras da família, trabalhar em tempo integral pode prejudicar no acompanhamento das crianças que acabam sofrendo tanto com a ausência do pai como da mãe, gerando outro grande problema, a falta de educação doméstica e carências afetivas. Como o trabalho é imprescindível para a sobrevivência, tentam equilibrar essa falta, para algumas mães, com compensações de ordem materiais e também com a companhia na medida do possível.

Observando o entorno do UNINORTE durante a pesquisa, pode-se constatar que algumas crianças acompanham suas mães e as auxiliam ou ficam brincando próximo a elas. Em alguns casos, os pais pagam uma taxa para que seus filhos fiquem algumas horas na brinquedoteca⁴ da Instituição.

Para mapear as condições de moradia das vendedoras ambulantes, perguntou-se se moravam em casa/apartamento própria/o, alugada/o ou outra situação. O gráfico 4 pode dar esse panorama:

Gráfico 4- Condições de moradia das entrevistadas



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

⁴ Espaço reservado a crianças para brincadeiras com jogos diversos. É uma sala ornamentada, com vários brinquedos e jogos, com acompanhamento de profissionais da educação e alunos do Curso de Pedagogia do Centro Universitário do Norte. Semanalmente, inúmeras crianças do entorno do Uninorte e filhos de funcionários freqüentam este espaço pagando uma taxa de R\$ 5,00 por 4 horas.

No gráfico 4, constatou-se que 57% das ambulantes pesquisadas moram em casa ou apartamento próprio, 33% em casa ou apartamento alugado, 5% em quarto ou cômodo alugado e 5% em outra situação. A aquisição da casa própria segundo as ambulantes entrevistadas é fruto dos lucros obtidos com o trabalho informal. O grande movimento gerado pelos alunos do UNINORTE garante a venda dos ambulantes informais que já se estabeleceram neste espaço.

O fato de a maioria já ter moradia própria e ter conseguido isso através do trabalho informal indica que esse ramo pode ser reconhecido como um grande fomentador da economia em esferas macros como o mercado imobiliário. Não podemos acreditar que o mercado informal está restrito apenas ao local em que é efetuado. Há uma relação social e econômica que movimenta toda a estrutura comercial e que faz girar o capital, levando a um crescimento de receitas e possibilitando a aquisição de bens. A fala da vendedora contextualiza esta relação:

O meu pai não trabalha de empregado há vinte e dois anos, trabalhava antes no Distrito Industrial, depois que ele saiu e começou a venda de pipoca e não saiu mais. O salário que meu pai ganha aqui é muito superior do que o salário do Distrito. Se meu pai tivesse continuado no Distrito nós não teríamos o que nós temos hoje. Graças a Deus nós temos uma casa dada por Deus, e não teria oportunidade de está fazendo os cursos que eu tenho. (J. M. B. O - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 10/10/2010)

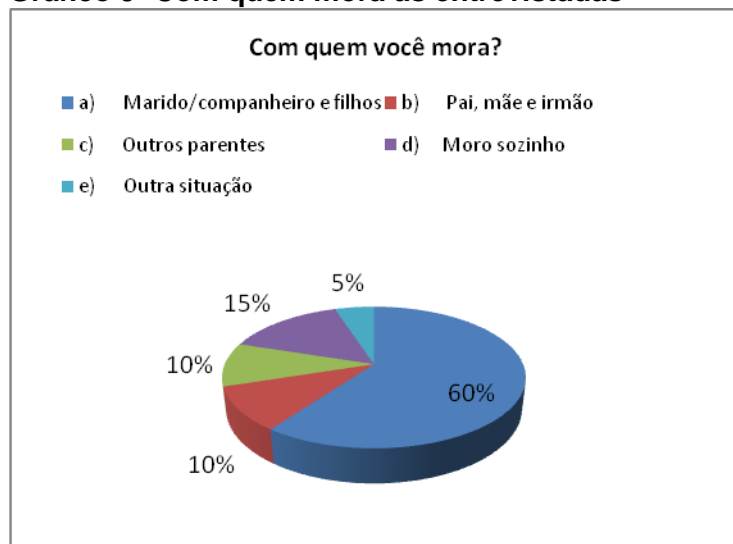
Só com o dinheiro do meu marido não dava. Graças a Deus eu comprei este carrinho, ele trabalha para um lado e eu para outro. Trabalho de 7h às 22h. Se eu tivesse trabalhando no aeroporto não tinha a minha casa boa, ganhava um salário e com certeza não teria o que eu tenho hoje. (M. P. L. - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 01/10/2010)

Entendemos que a venda ambulante se constitui como um mercado rentável e, de certa forma, seguro. Alguns aspectos inerentes ao emprego fixo, também se apresentam nesta atividade da pesquisa: realização por conseguir bens materiais e por proporcionar formação; certeza de ganho, tanto que alguns ampliam o negócio, trazendo outros membros da família para assumir um novo posto.

As condições de vida do grupo pesquisado são satisfatórias, devido ao fluxo constante de alunos que consomem diariamente os produtos vendidos não só pelas ambulantes entrevistadas, mas por todos os comerciantes locais que trabalham no entorno do UNINORTE.

No gráfico 5 as pesquisadas revelaram com quem moram, se moram com os pais ou se já constituíram família, ou moram com outros parentes ou ainda moram sozinhas, obtendo como resultado da pesquisa as informações a seguir.

Gráfico 5- Com quem mora as entrevistadas



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

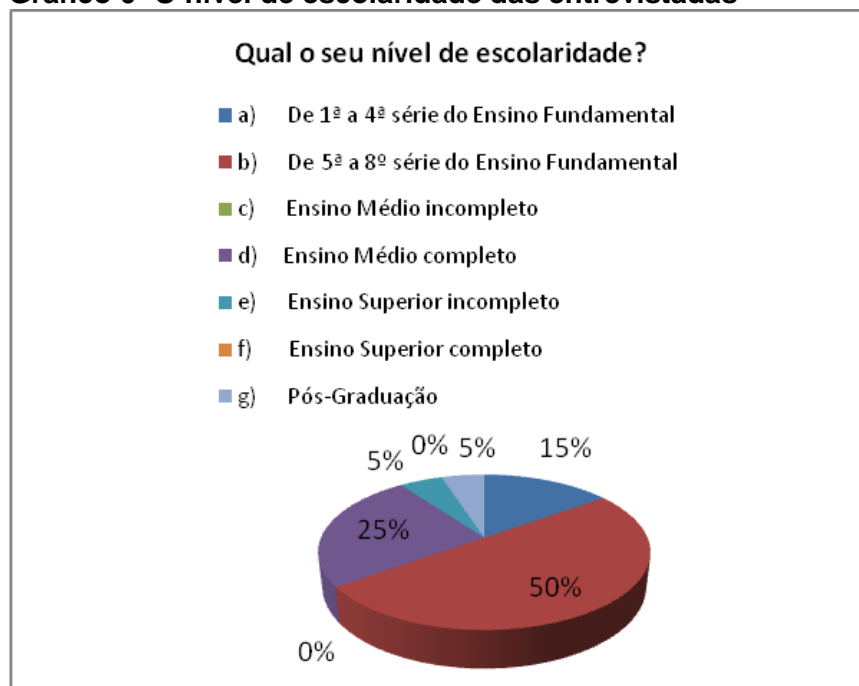
No gráfico 5, detectou-se que 60% do grupo pesquisado mora com marido/companheiro e filhos, 10% mora com pai e mãe, 10% com outros parentes, 15% mora sozinha e 5% outra situação. A maioria constitui uma família, casal e filhos, algumas com filhos adolescentes, estes quando saem da escola vão ajudar a mãe na venda de seus produtos.

Desta forma os próprios membros da família se envolvem na atividade informal desenvolvida pelo pai ou pela mãe, ou ainda do parente com quem mora dando continuidade ao referido trabalho. A dificuldade que o adolescente enfrenta em conseguir seu primeiro emprego, principalmente quando não tem experiência de trabalho, leva-o a permanecer na atividade informal, uma vez que sua ajuda é necessária para atender os fregueses. Fato que confirma a ampliação do mercado informal como uma alternativa de renda tanto para o trabalhador que não tem o perfil exigido pelas empresas, como para os trabalhadores que foram excluídos de seus postos de trabalho devido “a introdução de novas tecnologias nas fábricas do Distrito Industrial, no início da década de 1990, que provocou demissão em massa, e em decorrência, o aumento exacerbado da informalidade no espaço urbano manauara”. (Scherer, 2005, p. 127).

O trabalho informal para o grupo pesquisado, apesar de não proporcionar direitos e garantias como aposentadoria, carteira assinada, FGTS, seguro desemprego, traz o sustento de suas famílias e vários benefícios que se adquirem com o trabalho e traz, ainda, a dignidade, porque os sujeitos se sentem construindo a sua história.

Para que se pudesse compreender melhor quem são as mulheres vendedoras ambulantes do entorno do UNINORTE, um aspecto importante foi observado, o nível de escolaridade. Este fato pode ser esclarecedor por descortinar outro lado da informalidade, pois há, no senso comum, a idéia de que a falta de estudo é a grande responsável pelo trabalho informal, tanto que alguns pais afirmam aos seus filhos: “vai querer vender picolé?”, “quer vender pipoca?”. O gráfico 6 pode confirmar o que o senso comum acredita ou refutar este entendimento.

Gráfico 6- O nível de escolaridade das entrevistadas



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

O gráfico 6 revela o nível de escolaridade do grupo pesquisado, constatando-se que 50% das ambulantes possuem de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, 15% de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, 25% possuem o Ensino Médio completo, 5% possuem o Ensino Superior incompleto e 5% é Pós-Graduada.

Acreditamos que o baixo nível de escolaridade das pesquisadas seja um dos elementos que dificulta sua inserção no mercado de trabalho formal, fator que ganha sustentação a partir da concepção de Oliveira (1997), ao enfatizar que o processo da exclusão contemporânea está ligado ao desemprego estrutural, ou seja, mão-de-obra excedente e desqualificada.

Os novos processos produtivos do sistema capitalista visam explorar mais a inteligência do trabalhador do que sua força física, sendo o conhecimento condição indispensável para a permanência do trabalhador no mercado formal, logo os trabalhadores não qualificados estão fadados ao desemprego. (Scherer, 2005)

Com o aumento da complexidade do mundo, as empresas têm priorizado cada vez mais a excelência e a pró-atividade de seus funcionários e candidatos a funcionários, ficando do lado de fora os trabalhadores pobres que não conseguiram investir em sua educação e qualificação de acordo com as falas, a seguir, das entrevistadas da pesquisa:

Precisaria fazer uma faculdade para conseguir alguma coisa, hoje em dia até gari tem faculdade. Eu não fiz curso nenhum. Dediquei-me só ao trabalho e criar meus filhos. Aos 40 anos ainda tenho vontade de estudar, mas não tenho tempo, apesar de já ter visto gente com 60 anos se formar, nunca é tarde. De manhã começo a trabalhar muito cedo, mas não tenho tempo, se eu tivesse tempo voltaria a estudar. (J. M. B. O - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 01/10/2010)

Eu pretendo trabalhar na minha área quando formar. Primeiramente com crianças, depois eu vou me especializar na área, não de querer logo dar aula, mas primeiro adquirir experiência, porque eu só vou saber se eu vou gostar de dar aula, quando eu tiver experiência, porque agora mesmo eu não tenho experiência, porém eu pretendo sim, trabalhar na área de pedagogia, ser uma pedagoga, ou então optar pela área hospitalar porque eu tenho Técnico de enfermagem, já estou terminando meu curso, porém eu posso optar. (M. P. L - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 10/10/2010)

As ambulantes entrevistadas têm consciência da importância da qualificação para conseguir uma vaga no mercado, mas para uma entrevistada, sua realidade não permitiu que se dedicasse aos estudos como gostaria, a outra entrevistada está investido na sua formação e pretende depois que formar procurar emprego na sua área.

Com esses dados, pode-se concluir que as mulheres precisam de formação para conseguir o emprego fora da informalidade. O estudo é então uma chave mestra que abrirá as portas para um novo emprego e certamente

uma nova vida. Na fala da entrevistada, fica clara a vontade de sair deste trabalho e seguir carreira profissional.

Conforme os dados, os pais e mães, quando usam o senso comum, dizendo: “estuda para ter um bom emprego”, estão corretos, pois a formação exigida para os empregos nas fábricas, indústrias e outros não mais é em nível de Ensino Médio, mas de graduação.

A análise não pode desconsiderar os percentuais menores que indicam 5% de vendedoras com nível superior e 5 % com pós-graduação, pois embora sejam índices pequenos, apontam para uma dimensão socioeconômica, pois a graduação nem sempre consegue ofertar o sonho de melhores empregos. Do ponto de vista econômico, houve um empreendimento por parte dessa mulher para conseguir um bem maior: emprego no campo profissional. Quando o trabalho esperado não vem e ela precisa montar sua barraca, trazer seu carrinho de venda ou abrir a porta mala do seu carro para vender lanches, certamente, está fora das suas expectativas e frustra não apenas a ela, mas aos outros que lhe cobram: “estudo tanto para isso?”.

Chega-se a uma esfera mais crucial, a questão social do desemprego ou do subemprego: a discriminação, o não reconhecimento do trabalho e do trabalhador, que por vezes sequer é visto na multidão de pessoas que vão e vem nas ruas onde as ambulantes estão.

Alunos espalhados na rua, de banca em banca alojam-se como é possível, escolhem sua comida, são servidos, comem, bebem, pagam e voltam para suas salas de aula. Lá fica a vendedora, com seu cansaço do dia todo, pois acordou de madrugada para fazer a comida, o salgado, se desdobrou entre os afazeres de casa e o seu trabalho e parece invisível aos olhos da sociedade, dos governantes que entendem essas vendedoras como se fosse um mal para a saúde pública.

Talvez, diante do número de trabalhadores desse segmento, do giro econômico oferecido por ele, fosse o caso de reconhecê-los como profissionais de fato e de direito e investir em melhores condições de trabalho para eles, pois assim estariam no caminho da visibilidade social.

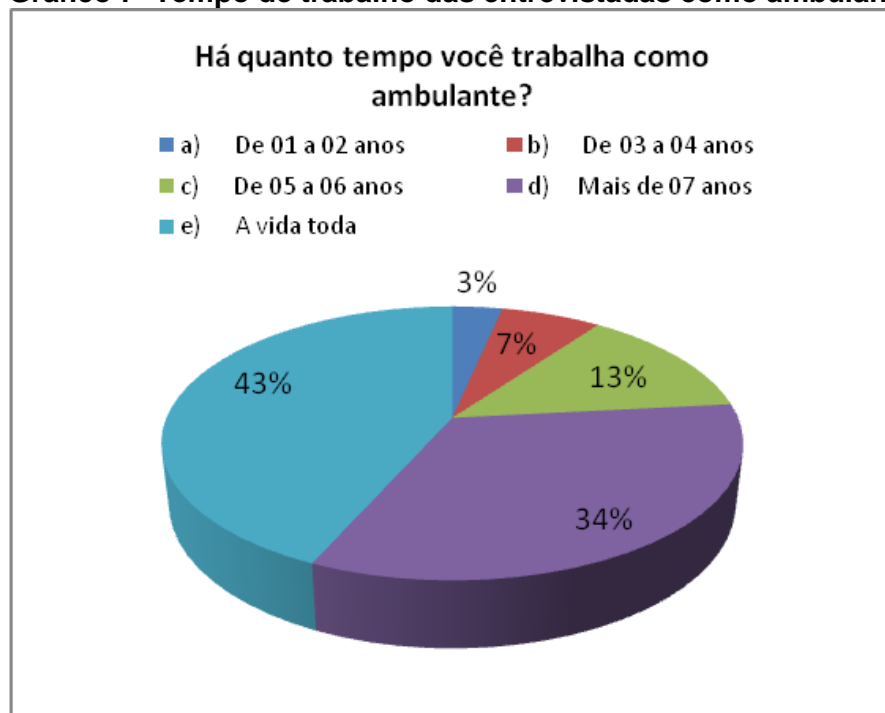
O gráfico 7, a seguir, procura demonstrar o tempo de trabalho das vendedoras como ambulantes, o que ajuda a mapear esta atividade como passageira ou permanente.

Com o gráfico 7, constatou-se que o tempo de trabalho como ambulante do grupo pesquisado totaliza: 3% trabalham de 01 a 02 anos, 7% trabalham de

03 a 04 anos, 13% trabalham de 05 a 06 anos, 34% trabalham a mais de 07 anos e 43% tiveram trabalho apenas na informalidade.

Encontra-se aqui, novamente, um foco importante para essa fotografia da mulher vendedora, elas estão neste trabalho há muito tempo, o que significa que não é uma atividade passageira, para cobrir o orçamento enquanto procuram um novo emprego. Na verdade, a venda ambulante é o seu trabalho, não é um “bico”, um passa-tempo. A venda ambulante é o seu sustento, a sua realidade.

Gráfico 7- Tempo de trabalho das entrevistadas como ambulante



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

Observa-se que no grupo pesquisado, a maioria dos ambulantes, desenvolve atividades há mais de 7 anos ou a vida toda. De acordo com Lira (2008), este fato é atribuído a nova forma de acumulação capitalista que adotou estratégias que garantissem sua ampliação através da reorganização da produção, como a: descentralização da produção e o aumento da automação na produção com o objetivo de assegurar a qualidade da produtividade, conseqüentemente sobreviver à competitividade do mercado. Estas medidas provocam uma divisão e novas exigências entre os trabalhadores, sendo os mais qualificados e com maior potencial intelectual os escolhidos para permanecer no mercado formal.

Os trabalhadores que não correspondem aos requisitos da polivalência e qualificação, que tiveram sua função e posto de trabalho substituído por máquinas, são excluídos do mercado formal, estes desempregados encontram na informalidade uma opção de sobrevivência, fato confirmado na fala de uma das entrevistadas do grupo pesquisado:

[...] o mercado de trabalho não me ofereceu oportunidade de trabalhar no emprego formal, com as dificuldades do dia a dia, e o mercado querendo pessoas com experiência, e como eu só tenho experiência no mercado informal [...]. (M. P. L - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 10/10/2010)

O trabalhador com pouca ou sem nenhuma qualificação, que não atende às exigências do mercado de trabalho, dificilmente conseguirá emprego formal, mesmo porque o mercado de trabalho não consegue absorver toda população economicamente ativa, para estes excluídos, sua força de trabalho é o meio que pode contar para sua manutenção através de ocupações na informalidade, caracterizadas pela precariedade da qualidade de trabalho e condições de trabalho, além de não possuírem os benefícios assegurados ao trabalhador que tem sua carteira de trabalho assinada.

O gráfico 8 pretende retratar se as vendedoras ambulantes têm outra atividade remunerada, além da sua venda informal. Com isso, será possível perceber o padrão econômico delas e assim ampliar a análise sócio-econômica dessas mulheres.

Gráfico 8- Atividades remuneradas desenvolvidas pelas ambulantes entrevistadas



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

O gráfico 8 representa outras atividades remuneradas que as ambulantes pesquisadas possuem, constatando-se que somente 10% possuem outra atividade remunerada e 90% não tem outra atividade. Elas trabalham somente como ambulante, vendendo produtos alimentícios variados. Esta realidade é conseqüência das transformações ocorridas na produção e nas relações de trabalho, como também na utilização de tecnologias que substituíam a mão-de-obra utilizada no processo produtivo que, por um lado, garantiu a expansão do lucro capitalista, mas por outro lado provocou o desemprego devido à redução dos postos de trabalho. Desta forma, os trabalhadores que ficaram fora do mercado formal buscaram no trabalho informal uma alternativa para sua sobrevivência.

As transformações ocorridas no mercado de trabalho, em escala mundial, são frutos das políticas neoliberais que tem por objetivo tanto reduzir a intervenção do Estado na economia como também subtrair as políticas sociais, em detrimento da consolidação da hegemonia do capital. Mediante este cenário, o desemprego e o trabalho informal passam a fazer parte da realidade da classe trabalhadora que não foi absorvida pelo mercado formal, forçando os trabalhadores a aceitarem atividades com baixa remuneração, e quase sempre, sem cobertura da legislação trabalhista, devido ao seu grau de informalidade, são eles: autônomos, ambulantes, camelôs, tarefeiros, terceirizados, entre outras inúmeras atividades que possibilitam a sobrevivência. (Bentes, 2005, p.115)

Tem-se a reafirmação da invisibilidade social destes que são tão trabalhadores quanto os trabalhadores do mercado formal, geram tanta renda quanto eles, e estão vivendo sob a égide da ilegalidade, do erro, e até status de fora da lei. Isto porque:

Na nova ordem mundial, a massa de desempregados subproletarizada, que ocupa o centro e a periferia da cidade, dificilmente poderá ser novamente incluída no processo produtivo nas indústrias da Zona Franca de Manaus, na sua totalidade. No início da década de 90, as indústrias incorporavam na produção, quase 80.000 trabalhadores e, atualmente, absorvem em torno de 45.000 trabalhadores, neste início de século. (Scherer, 2004, p. 128).

Desta forma, podemos concluir que as indústrias faturam cada vez mais e absorvem cada vez menos trabalhadores, uma tendência mundial, imposta pelo mercado internacional e que também as indústrias da Zona Franca de Manaus estão inseridas neste contexto.

Nesta etapa da pesquisa, foi possível fazer um retrato mais amplo da vendedora ambulante do entorno do UNINORTE. De acordo com o questionário

socioeconômico aplicado às ambulantes pesquisadas, pudemos constatar que mais da metade possui casa ou apartamento próprio e que vivem com suas famílias. Sabe-se que a idade da maioria alterna entre 31 à 40 anos; que os maiores grupos são de solteiras e casadas; com filhos e pouca escolaridade, alternando entre o ensino fundamental e o ensino médio, num mercado que não é passageiro, para muitas delas é o seu único referencial de trabalho remunerado.

Para que se consiga ampliar a pesquisa, o dado seguinte evidenciará o aspecto socioeconômico das vendedoras ambulantes deixando ver os bens adquiridos a partir de suas vendas ambulantes e apresentando o quadro econômico dessa atividade.

No quadro 01 foram pesquisados os aparelhos e serviços que as ambulantes da pesquisa conseguiram adquirir com o trabalho informal, e se detectou que todas têm acesso a algum tipo de equipamento ou serviço, sendo que 100% possuem TV, e 90% possuem vídeo/DVD, máquina de lavar e celular.

A participação da mulher nas atividades econômicas permite que ela tenha o poder de decisão sobre o que poderá adquirir. Nessa sociedade em que o consumo é cada vez mais uma exigência, o trabalho remunerado é a fonte da sobrevivência e também da exigência do mundo moderno, que oferece uma variedade de produtos, oferecidos como essenciais a vida das pessoas. Dessa forma:

A mercantilização envolvida no consumo, decorrente do próprio aumento de tamanho das cidades e da complexidade da vida contemporânea em aglomerados urbanos, acaba por envolver e forçar mesmo as camadas mais pobres a consumirem os produtos, principalmente os que promovem lazer, e praticidade na realização das atividades domésticas. (Rocha, 2000, p. 89)

Portanto, a renda do trabalho informal permite não só a sobrevivência da família, mas também o acompanhamento das mudanças da sociedade decorrente do progresso, do acesso a bens e serviços que ajudam no bem-estar da família.

A tabela 8 demonstra quais são os bens de consumo dessas vendedoras ambulantes, evidenciando que são produtos comuns à maioria das famílias, como: TV, DVD, máquina de lavar, celular, computador além de internet e TV a cabo.

Tabela 7- Aquisições materiais e de serviços

ITEM	DESCRIÇÃO	ENTREVISTADO	%
1	TV	20	100%
2	Vídeo/DVD	18	90%
3	Rádio	13	65%
4	Aparelho de Som	10	50%
5	Computador	5	25%
6	Notebook	6	30%
7	Automóvel	7	35%
8	Máquina de lavar	18	90%
9	Telefone fixo	8	40%
10	Telefone celular	18	90%
11	Acesso a internet	5	25%
12	TV por assinatura	6	30%

Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

O consumidor de uma sociedade de consumo tem um perfil único, levantando a seguinte questão: “[...] é necessário consumir para viver ou o homem vive para poder consumir”. O consumidor nunca está satisfeito, sempre deseja mais, é movido pelo desejo de desejar. Há uma preocupação por parte dos que negociam os bens de consumo para reduzir o tempo de um consumo para o outro, cada vez mais investem em tecnologias para que a satisfação do consumidor termine em um tempo mínimo. (Bauman, 1999)

A sociedade de consumo incita o consumidor a compensar seu vazio existencial pelo prazer de consumir sempre mais. O mercado de consumo seduz os consumidores e os consumidores por sua vez procuram ser seduzidos, vivem de atração em atração, de tentação em tentação. Sendo cada atração, uma tentação, uma coisa nova, diferente e mais atraente que a anterior. Podemos confirmar esta realidade contemplando o quadro 01, quando verificamos que todas as ambulantes pesquisadas, em maior ou menor escala, possuem alguns bens, mesmo que sua renda mensal não seja suficiente para comprar alguns produtos, mas dada a facilidade de crédito e parcelamentos, o consumidor acaba se envolvendo em dívidas que passam meses ou anos para quitá-las.

4.2

As mulheres sujeitos da pesquisa e suas famílias

Neste caminho de mulheres, de venda informal, de mães, de estudantes, de trabalho, vamos encontrando vários fatores que compõem o perfil da mulher trabalhadora informal do entorno do UNINORTE. Vemos um fio se desenrolando para que possamos tecer uma peça dessa organização social.

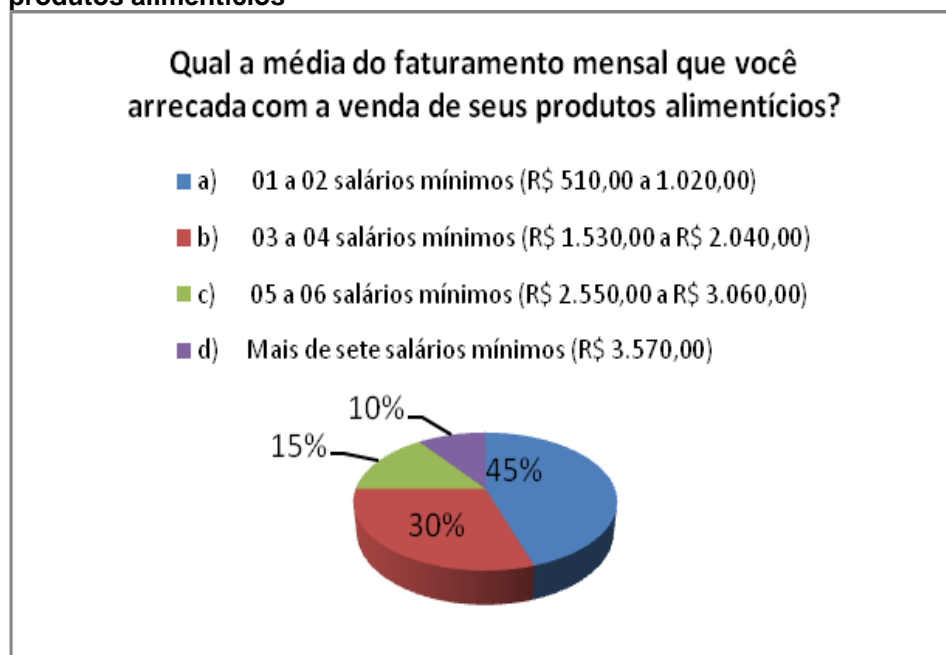
As entrevistas realizadas iluminaram o objeto de pesquisa e fizeram aparecer um mundo escondido entre uma venda e outra, entre mulheres que todos os dias se colocam como sujeitos não de uma pesquisa, mas da sociedade, da economia, da história que se faz dia-a-dia.

Seguindo esta trilha deixada pelas pesquisas, o gráfico 9 apresenta a média do faturamento mensal que as ambulantes arrecadam com a venda informal no entorno do UNINORTE.

Investigou-se a média do faturamento mensal que as ambulantes pesquisadas arrecadam com a venda dos produtos alimentícios, constatando que 45% das ambulantes arrecadam em torno de 1 a 2 salários mínimos, 30% em torno de 3 a 4 salários mínimos, 15% em torno de 5 a 6 salários mínimos, e somente 10% das ambulantes pesquisadas arrecadam mais de 7 salários mínimos.

A maioria das mulheres pesquisadas sobrevive com 1 ou 2 salários mínimos, o que é preocupante do ponto de vista social, pois com essa remuneração mensal só conseguem a manutenção das necessidades básicas, ficando em segundo plano questões importantes como lazer, saúde, educação, garantias previdenciárias, entre outros. O dinheiro arrecadado com a venda é apenas para a comida e para investir na própria venda.

Gráfico 9- Média do faturamento mensal arrecadado com a venda dos produtos alimentícios



Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010.

Pode-se observar que a arrecadação mensal das ambulantes pesquisadas oscila de acordo com a oferta, as ambulantes que vendem pipoca, banana frita, salgados, cachorro quente, mingau, bombons, e outros guloseimas em pouca quantidade, a arrecadação mensal é mais baixa. Já as ambulantes que conseguiram montar uma barraca, as que possuem seu *trailer*, ou ainda utilizam seu automóvel para suas vendas, conseguem arrecadar mais devido à variedade e quantidade de produtos vendidos, pois dispõem de espaço para armazenar sua mercadoria, conseqüentemente vendem mais, logo conseguem arrecadar acima de 03 salários mínimos.

A participação da mulher em atividades econômicas é crucial para ajudar na renda familiar, seja casada ou chefe de família, independente do valor de sua contribuição, o dinheiro arrecadado auxilia no pagamento das despesas e na manutenção do nível socioeconômico de seus membros. (Rocha, 2000)

Esta realidade pode ser comprovada na fala de algumas ambulantes entrevistadas quando mencionam que o dinheiro arrecadado com a venda de seus produtos é de suma importância não só para a sobrevivência de sua família, mas para terem acesso ao mercado de consumo, e para algumas, até a aquisição da casa própria:

A mãe também ajuda com a renda de dentro de casa, porque são muitas contas e ainda tem que pagar curso, e conforme a gente é pequeno gasta menos, mais vai crescendo quer melhorias e gasta mais. No caso, pago meus cursos, pago conta

de água e luz, são tudo dividido, tem que dividir tudo senão não dá. (J. M. B. O - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 10/10/2010)

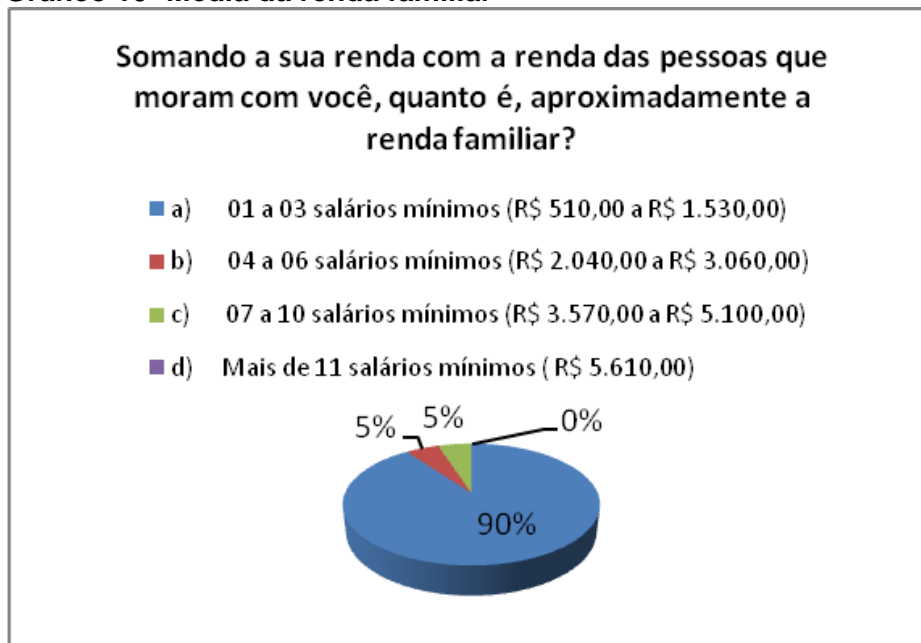
Antes de vender pipoca a gente morava num barraco feito de plástico, os vizinhos comentavam que viram a minha mãe dar a luz ao meu irmão mais novo, o chão era de terra. Agora não, no mesmo terreno construímos nossa casa de dois pisos e é nossa mesmo. Nós comemos do bom e do melhor graças a Deus, tudo trabalho informal. (J. M. B. O - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 10/10/2010)

Observamos, neste contexto, que apesar da incerteza e precarização do mercado informal, algumas famílias sobrevivem exclusivamente com esta renda. Para alguns é suficiente apenas para suas necessidades básicas, para outros lhes permite uma vida mais confortável e digna, podendo até mesmo adquirir bens de consumo de acordo com seus planejamentos.

O gráfico 10 auxiliará a pesquisa no que diz respeito a totalidade da renda das pessoas que convivem com as ambulantes, ampliando a questão socioeconômica, objeto dessa pesquisa.

A figura 10 representa a renda familiar das ambulantes pesquisadas em que constatamos que 90% das mulheres pesquisadas dependem somente do trabalho informal, sendo o dinheiro arrecadado nesta atividade seu único sustento. Somente 10% das ambulantes pesquisadas possuem membros em sua casa que colaboram com a renda familiar, sendo 5% ao juntarem as rendas totalizam em torno de 04 a 06 salários mínimos, e 5% totalizam em torno de 07 a 10 salários mínimos.

Observamos que o sustento das famílias das ambulantes pesquisadas depende quase exclusivamente da atividade informal por elas desenvolvida. Esta realidade, segundo Scherer (2005), reflete o aumento das taxas de desemprego em consequência da reestruturação produtiva, das crises econômicas, aumentando os trabalhadores excluídos do mercado formal, e que encontra na informalidade uma opção para sua sobrevivência e de sua família.

Gráfico 10- Média da renda familiar

Fonte: Pesquisa direta, PUC/UNINORTE – Manaus/AM, 2010

Pode-se observar que as ambulantes pesquisadas, em geral, são desqualificadas para o processo produtivo por não possuírem formação específica exigida pelas empresas. Possuem ainda faixa etária de 30 a 40 anos, consideradas com idade avançada, sendo mais um agravante para serem absorvidas pelo mercado de trabalho. Nesta conjuntura, não resta muita alternativa para estes trabalhadores que estão fora dos padrões exigidos pelo mercado atual, a não ser buscar alternativas de sobrevivência inventando e reinventando novas formas de trabalho.

4.3

A via da informalidade X sobrevivência das mulheres sujeitos da pesquisa

Pode-se constatar que as mulheres pesquisadas possuem histórias de vida diferentes que as levaram a buscar na informalidade uma alternativa para sua sobrevivência, como também de suas famílias. De acordo com a entrevista aplicada a três ambulantes constatou-se que uma ambulante, por não ter experiência em trabalho formal, ainda não tinha conseguido uma oportunidade

para trabalhar de carteira assinada, até o momento suas experiências de trabalho era lavar roupa, catar latinha e papelão. Atualmente, trabalha com vendas de pipoca, banana e batata frita, atividade que lhe proporciona uma renda satisfatória, ajuda na complementação da renda familiar e ainda consegue pagar o seu curso de Pedagogia e de Técnico de Enfermagem.

Se o mercado informal traz recurso financeiro suficiente para alguns custearem suas necessidades, tem como desvantagens: a fiscalização da prefeitura, caso não estejam dentro das normas previstas para esta atividade, são obrigados a sair do local de trabalho; o faturamento que depende da produtividade do ambulante; a falta dos benefícios garantidos somente aos que trabalham de carteira assinada; o preconceito por ser mulher; o conflito com os comerciantes por dividirem os clientes com os ambulantes.

A segunda e a terceira ambulantes entrevistadas trabalham em carrinhos comprados com a rescisão do antigo trabalho, momento que resolveram investir no mercado informal e até o momento provém seu sustento e de toda a família. A ambulante menciona que apesar de ser uma atividade mais rentável, apresenta alguns inconvenientes como:

Não temos banheiro, nem água, temos que ficar pedindo para usar o banheiro ou do colégio aí em frente, ou dos lanches. Ficamos expostos ao sol e chuva. Para não cansar muito a família reversa, vêm meus irmãos, minha mãe, cada um fica um pouquinho pro outro poder descansar". (A. C. S. - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE – 12/10/2010)

A falta de condições para realizar suas necessidades fisiológicas é um agravante, até mesmo constrangedor por ter que ficar pedindo para ir ao banheiro ou usar a água de outro estabelecimento, nem sempre a permissão é concedida, e, às vezes, precisam mudar de ponto até encontrarem este apoio. Os ambulantes que conseguiram adquirir seu carrinho ainda estão mais protegidos dos fatores climáticos, mas os ambulantes que trabalham expostos ao tempo comprometem sua saúde, ficam prejudicados com as chuvas e sol excessivo.

As três ambulantes entrevistadas confirmam que atualmente sua situação financeira está melhor do que quando trabalhavam de carteira assinada, ou ainda dependiam do salário mínimo que o pai recebia. Antes podiam contar somente com um salário mínimo para sustentar toda a família, hoje com a venda dos produtos alimentícios por elas comercializados puderam adquirir sua casa própria, custear estudos para os filhos, pagar as contas, ter mesa farta e adquirir

alguns bens materiais para seu conforto, conforme relato de uma das ambulantes entrevistadas:

[...] pago para meu filho escola, escola de inglês, escola de informática, e ainda faz um curso de contabilidade, e se Deus quiser vai fazer faculdade. A filha mais velha mora em Belém, eu mando dinheiro para ela fazer faculdade lá. Com certeza a gente não teria a vida que tem se não tivesse investido na compra deste carrinho. Minha casa é confortável, tem de tudo, até carro. Nas férias eu viajo. Vamos visitar a família do meu marido no Maranhão, depois a minha em Belém. Já fui várias vezes a Fortaleza e a gente passeia e se diverte muito, dá para fazer até compras [...]. (M. P. L - Vendedora ambulante no entorno do UNINORTE 01/10/2010)

Segundo a realidade das ambulantes entrevistadas, constatou-se que as atividades informais por elas desenvolvidas são rentáveis e lucrativas. O trabalhador informal tem um ganho bruto maior, por não pagarem impostos e empregados, pois são eles próprios que fazem e vendem seus produtos. A prática da informalidade para as ambulantes pesquisadas proporcionou uma condição de vida superior à vivida quando trabalhavam de carteira assinada. Conquistaram sua casa, bens materiais para seu conforto e lazer, além de conseguirem custear seus estudos e de seus filhos.

Apesar das condições precárias as quais se submetem, ficando expostas aos fatores climáticos, falta de conforto e local adequado para suas necessidades fisiológicas, e a total desproteção social, as ambulantes pesquisadas no entorno do Uninorte manifestam a satisfação com o trabalho realizado, só temendo a proibição de seu trabalho pelos órgãos fiscalizadores.